

Uma curiosidade final: o livro partilha o título, no seu significado contextual, com o romance policial *No Flowers, by Request*, de June Thomson (*Flores não, por favor*, Europa-América, 1989).

Miguel Martins

[O Autor segue a antiga ortografia.]

FICÇÃO

Maria Judite de Carvalho
TANTA GENTE, MARIANA
AS PALAVRAS POUPADAS

Obras Completas I
Lisboa, Minotauro / 2018

Numa louvável iniciativa, a editora Minotauro decidiu publicar as Obras Completas de Maria Judite de Carvalho (1921-1998), em seis volumes. Este primeiro volume integra os dois primeiros livros de ficção da autora. Trata-se de obras que, na época, consagraram desde logo Maria Judite de Carvalho perante a crítica. O sentido profundo dessa consagração, no final dos anos 50 e princípios dos anos 60 do século passado, teve a ver, obviamente, com vários factores, a nível temático e da escrita. Destacaria a estrutura, por assim dizer, cronística dos contos e das novelas, confirmada em obras posteriores, e a temática obsessiva da solidão em personagens predominantemente femininas, pertencentes à pequena e média burguesia; histórias situadas sobretudo em Lisboa. Essa estrutura poderá classificar-se de cronística porque se baseia, precisamente, no passar inexorável do tempo apreendido dia a dia, através dos acontecimentos mais banais, dos mais comuns objectos, das mais rotineiras acções, levando, sub-repticiamente, através de imagens subtis, a uma súbita consciência da morte, como acontece, por

exemplo, na novela que dá o título ao primeiro livro, história de uma mulher com quase quarenta anos, Mariana, solitária e frustrada na sua vida conjugal, condenada a morrer em breve devido a uma doença incurável: «O mundo é de repente um amontoado de coisas estranhas que vejo pela primeira vez e que existem com uma força inesperada. O pessegueiro do quintal a preparar-se para a flor, a velha cadeira desventrada onde costume sentar-me, a cama de florão, que já pertenceu à mãe da D. Glória. Imagens trémulas que por fim mergulham no mar das minhas lágrimas» (13-14). Mariana sentia-se só desde a adolescência, altura em que o pai lhe tinha dito: «Todos estamos sozinhos, Mariana. Sozinhos e muita gente à nossa volta. Tanta gente, Mariana! E ninguém vai fazer nada por nós. Ninguém pode. Ninguém queria, se pudesse. Nem uma esperança» (17).

Publicado em 1959, *Tanta Gente, Mariana* continua, actualmente, a impressionar, quer pela extraordinária maturidade de escrita para um livro de estreia, quer pela criação da personagem central, de um dramatismo contido, além de personagens secundárias que surgem naturalmente no fluir quotidiano da narrativa. Poderíamos dizer que há na novela inicial, bem como nos contos que se lhe seguem, uma laboriosa e densa análise relativa à condição feminina da sociedade portuguesa da época, mas Maria Judite de Carvalho ultrapassa esse condicionalismo social; as suas personagens alcançam a complexidade e o dramatismo íntimo da própria condição humana, na senda de um Tchékhov.

As Palavras Pougadas, segundo livro de ficção de Maria Judite de Carvalho, publicado em 1961 e distinguido com o prestigiado Prémio Camilo Castelo Branco, tem aproximadamente a mesma estrutura de *Tanta Gente, Mariana*. Ou seja: uma no-

vela inicial (esta mais longa), que dá o título à colectânea, seguida de contos breves.

Aqui também a temática predominante é a da solidão de vidas, digamos, apagadas, num dia-a-dia monótono, sobretudo vidas de mulheres que se arrastam no tempo, como é o caso paradigmático de Graça, a personagem central da novela: «a vida é longa, desliza e escorre sem uma quebra. Uma sucessão de acontecimentos, uma corrente sem fim de palavras ditas e de palavras poupadas. Dessas principalmente» (137).

Nos contos, o que predomina é a ideia obsessiva de que o tempo é pesado e longo, paralisando a vida e roubando a memória. Esse é, por exemplo, o tema principal da história de uma mulher de 85 anos, D. Cristina, no conto «Uma Varanda com Flores»: «Tinha tempo, tinha sempre tempo, nada era urgente. [...] O tempo era enorme e não fugia. O tempo nunca foge senão no medo das pessoas. E a velhinha já não receava coisa alguma. Que havia de recear? A morte? Mas as marés haviam roído todas as cordas. Já nenhuma a prendia» (191). Essa é ainda, entre outras, a temática da história intitulada «Choveu esta Tarde», de uma «calma senhora de meia-idade, muito apegada aos bens terrenos» (202), casada com um «homem de negócios muito respeitado» (*ibid.*), que numa tarde de chuva entra num cinema e encontra, por acaso, sem que ele a reconheça, o homem que tinha sido a grande paixão da sua mocidade, Manuel, acompanhado por uma mulher mais jovem: «o tempo corre e só nos ficam das pessoas velhas imagens petrificadas. Imagens que já não existem. Terão existido alguma vez tais como as vemos? Morre-se constantemente» (199).

Pode dizer-se, em conclusão, que, passados todos estes anos, a arte de contar de Maria Judite de Carvalho, desde estas duas primeiras obras de ficção, se mantém

surpreendentemente viva no seu incomparável rigor. Um rigor subtil, entre irónico e dramático, todo feito de «palavras poupadas».

Alvaro Manuel Machado

[O Autor segue a antiga ortografia.]

António Lobo Antunes
A OUTRA MARGEM DO MAR

Lisboa, Publicações Dom Quixote / 2019

O 35.º livro de António Lobo Antunes não é apenas o romance que faltava na sua extensa bibliografia. É também o livro que faltava à literatura nacional. Por várias vezes, o escritor nos levou até África, retendo na ficção pequenas cintilações ou vivências do seu íntimo tormento biográfico, quando foi destacado, enquanto médico militar, entre 1971 e 1973, para a guerra colonial, em Angola. A guerra está presente tanto nos seus romances de estreia, *Memória de Elefante* ou *Os Cus de Judas* (1979), como no recente *Até Que as Pedras Se Tornem mais Leves Que a Água* (2017), que relata a angustiante e ambivalente relação filial de um menino preto trazido para Portugal por um soldado, como se fosse mascote. Talvez a linha temática do presente romance — que segue os alvares da guerra, a Revolta do Algodão, as movimentações hostis em Malange e no recém-independente Congo, a captura do revoltoso António Mariano e seus discípulos pelas tropas portuguesas, e a relação dos colonos com outro espaço, outra dimensão (nos múltiplos sentidos do termo), outro povo, outra margem — se aproxime mais de *O Esplendor de Portugal* (1999). Mas seria um pouco apressado rotular *A Outra Margem do Mar* como mais uma incursão do escritor em território africano. É isto, sem dúvida: «tudo tão grande, tão vasto, sem um chafariz,

Colóquio Letras 158 / 2000

Ou seja, nenhum texto existe sem intertexto; mas também: todo o texto admite uma releitura, glosa, correção — a ponto de uma tragédia devir uma ironia, ou o inverso. Assim, as décadas não cessam de se rever mutuamente, reinventando o sentido, nunca cristalizado.

Pedro Eiras

AA. VV.

MARIA JUDITE DE CARVALHO
UNE ÉCRITURE EN LIBERTÉ SURVEILLÉE
Org. Maria Graciete Besse, Adelaide
Cristóvão e J. M. da Costa Esteves
Paris, L'Harmattan / 2012

Reunindo um significativo conjunto de dezanove comunicações, apresentadas num colóquio («Maria Judite de Carvalho: thèmes, genres et représentations 50 ans après la parution de *Tanta Gente, Mariana...*»), o presente volume prolonga por certo a intenção maior desse evento: o muito salutar intuito de resgatar do esquecimento Maria Judite de Carvalho (1921-1998). E ainda bem. Seria um longo debate saber as razões pelas quais certos autores do ponto de vista da crítica resistem à obliteração do tempo, acumulando até por vezes excesso de bibliografia passiva, já que nem todos merecerão porventura exegese, enquanto outros, ao arrepio do seu merecimento estético-literário, são recalçados. Tanto mais que se a condição de existência de bons autores presume leitores, não menos presume que deva ser também a crítica a sua condição de validade.

O caso de Maria Judite de Carvalho não é exatamente um exemplo razoável deste segundo tipo de escritores, convirá em rigor observar. Na medida em que não é legítimo dizer que tenha sido propriamente ignorada pela crítica. Se é verdade que não abundam seminários, cur-

sos, colóquios, retrospectivas em torno da sua obra, não menos certo é que ensaístas há, em páginas dialogantes, que a têm sabido ler com clarividência (Paula Morão, Helena Carvalhão Buescu, José Manuel da Costa Esteves, entre outros).

Seja como for, não é possível, em boa verdade, considerá-la uma escritora estudada de forma consistente e sistemática. E talvez devesse sê-lo. O que a crítica, aliás, tem consensualmente enfatizado em relação à sua obra, independentemente dos filtros hermenêuticos, pode resumir-se neste apelo: é imperativo (re)lê-la com demora e perícia exegética. Por ser, muito provavelmente, uma das obras maiores de novecentos. E é difícil não reconhecer em *Maria Judite de Carvalho. Une écriture en liberté surveillée* a reafirmação empenhada desse apelo.

As dezanove leituras propostas, afora o depoimento de Lauró António (entre outros méritos, o que nele se lê apresenta a vantagem de consistir na visão de um cineasta sobre uma obra, ela própria, assaz cinematográfica), norteadas, como seria expectável, por diversas orientações crítico-analíticas, coincidem, pois, na comum e convicta admiração sem reservas que nutrem por Maria Judite de Carvalho. Trata-se de análises competentes e, como tal, não pouco lúcidas, repartidas por cinco abrangentes secções temáticas, o que diz bem da capacidade instigadora da prosa juditiana: «Destinées de femmes», «La poétique de l'écriture», «L'expérience du temps», «Perspectives comparatistes», «Effets de genre». O volume encerra, não é irrelevante notá-lo, com uma muito útil cronologia bibliográfica da responsabilidade de José Manuel da Costa Esteves.

Seja-me, desde já, permitido chamar a atenção para o texto de Maria Araújo da Silva («Une écriture sur fond de silence»), por nele se evidenciar um dos aspetos de-

cisivos na escritora, a incomunicabilidade. Deveras relevante por desembocar na repressão da condição humana das personagens. E a figura maior dessa incomunicabilidade dá pelo nome de silêncio. Eis o que escreve a certa altura, dando conta da eloquência desse silêncio, Maria Araújo da Silva: «L'œuvre de Maria Judite de Carvalho nous révèle une écriture tournée vers l'intériorité des choses et des êtres, remplie d'attention aux autres, d'émotion, de sensibilité, une écriture qui se caractérise par une puissante aspiration au silence: un silence omniprésent au fil des récits qui creuse un grand nombre d'incertitudes autour des personnages et de l'intrigue, qui enveloppe les messages d'opacité comme pour montrer finalement l'impossibilité d'atteindre une totale connaissance» (p. 46). E páginas adiante, pondo a tônica na desumanização acarretada pelo silêncio: «L'incommunicabilité est un des traits dominants des récits de Maria Judite de Carvalho, peuplés de personnages familiarisés avec la perte et le silence. En partant de vies anodines ancrées dans le banal quotidien, l'écrivaine nous décrit un monde (celui qui est le sien) où règne l'indifférence, où les gens se croisent sans se rencontrer comme s'ils poursuivaient, à l'instar de fourmis qui s'ignorent, leur destin parallèle dans cet univers où l'espoir et la solidarité ne peuvent éclore» (p. 49).

Em compensação, o silêncio afigura-se também como forma de resistir ao alvo-roço colado à pele do mundo exterior. Um mundo desencantado e, logo, propício a uma visão da paisagem social desolada e melancólica (não por acaso dois contributos, o de J. Cândido de Oliveira Martins, intitulado «L'ironie mélancolique dans *Seta Despedida*», e o de António Manuel Ferreira, «Maria Judite de Carvalho: la mélancolie du réalisme», se debruçam precisamente sobre o tema da melancolia). A mundividência de Maria Judite de

Carvalho é, com efeito, particularmente incisiva na hora de exprimir, citando Maria Theresa Abelha Alves («Sous la tutelle de Penia: négativité et vide»), «la dés-humanisation des individus qui ne sont plus sujets de leur propre vie mais objets d'une société matérialiste, où ce qui importe est ce que l'on a et non pas ce que l'on est» (p. 125), e isso a tal ponto que «les personnages qui expriment l'inclusion ou l'exclusion sociale témoignent de la présence d'un système législateur et coercitif» (*ibid.*). E trata-se, enfim, de um imaginário nitidamente pautado pela agressão sonora e pelo absurdo, conforme não deixa de salientar Maria Araújo da Silva (cf. p. 50).

Acresce outra função essencial ao silêncio: a materialização do inexprimível (cf. p. 52). Razão pela qual o silêncio opera comunicabilidade. Melhor dizendo, aquela comunicabilidade inalcançável pela linguagem verbal. E é neste ponto que percebemos que, esforçando-se por suprir aquilo que as palavras, falhas de sentido, capazes de transmitir sensações profundas, não atingem, o que Maria Judite de Carvalho fez mais não foi do que, tal como outros escritores sedentos de exprimir estados de alma para lá das palavras (Lobo Antunes, Lispector, Duras sedimentar ontologicamente a sua criação na ênfase do silêncio. Não admira assim que o tema do silêncio, tópico fulcral e por isso dificilmente descartável de qualquer abordagem da sua obra, surja também focado noutros textos: os de José Manuel da Costa Esteves («Une façon de dire adieu») e João Amadeu Oliveira Carvalho da Silva («*Havemos de Rir?*: des silences des espaces aux espaces de silence»).

Sem descurar a acuidade dos restantes, outro texto, a meu ver, merecedor de indiscutível destaque é o de Helel Carvalhão Buescu («L'esprit du collationneur»). Porque nele é pensada a

muita pertinência a concisão, um dos traços emblemáticos da escrita juditiana. Como diria, aliás, com inteira justeza António Manuel Ferreira, a propósito do estilo depurado de *Seta Despedida*: «Il est évident que, chez un grand artiste, la simplicité est toujours un lieu d'arrivée, jamais un point de départ» (p. 196). No caso particular de Maria Judite de Carvalho, é visível o notório apreço por uma brevidade da forma compaginada com uma escrita simples e desornamentada o mais possível — ou seja: sem enfatuamentos —, além do manifesto pendor dessa escrita pela minudência do detalhe. Ou, como muito bem escreve Cristina Almeida Ribeiro («Le conte et le recueil: Maria Judite de Carvalho et le récit bref»): «Elle aime à travailler en profondeur plutôt qu'en extension; elle aime à s'attarder sur les détails, à fixer des images précises, à regarder les gens et à en procurer des portraits qui non seulement figent les expressions et les situations où ils ont été observés mais qui ajoutent à cette représentation des traits de personnalité, des émotions, des raisonnements» (p. 173). Regressando a Carvalhão Buescu, o argumento, convincentemente apresentado, consiste em advogar que a predileção pela brevidade, evidenciada através da rarefação e da parcimónia, se conjuga com uma intenção de fundo. A *brevitas*, defende, deve ser vista como a condição de se poder exprimir a verdade: «la concision est le signe possible de la vérité» (p. 61). Como? Transcreva-se, não obstante a extensão, uma passagem especialmente esclarecedora: «la façon dont la parcimonie et la rarefaction convergent vers cette *brevitas* revisitée me semble pouvoir être mise en rapport avec la forme dont la vie est entendue à partir de la juxtaposition d'épisodes structurellement (et essentiellement) de nous, hétérogènes et imperméables à n'importe quelle synthèse. La

notion de brièveté chez Maria Judite de Carvalho est à l'origine de la notion d'épisode atomisé, et celui-ci à son tour l'est à celle d'une juxtaposition qui n'a plus besoin d'une logique narrative forte. Le fait que le récit devient morcelé et hétérogène, faible, pour ainsi dire, est central à l'art juditien. Marie Judite ne tend pas vers ce qui, dans la vie, produit une histoire, mais ce qui dans la vie donne à voir des morceaux, des épisodes, des *flashes* dont la signification est toujours, au moins virtuellement, douteuse» (p. 62). Não deixemos ainda de assinalar que noutra parte deste notável ensaio é tecida uma correlação estimulante entre a prosa juditiana e as considerações de Walter Benjamim sobre a prática do colecionismo e as figuras do colecionador e do contador de histórias, na justa medida em que «l'art narratif de Maria Judite de Carvalho [...] se met en rapport avec le monde par l'exercice d'un regard analogiquement hétéroclitique et capable de maintenir le présent comme le bref instant où des expériences, des objets et des documents habituellement incompatibles coalescent» (p. 64). E este estado de coisas da narrativa não é indiferente à estética da concisão cultivada pela autora. Leia-se: «La *brevitas* avec laquelle j'ai commencé mes réflexions peut alors être entendue, dans ce cadre, comme une façon d'exposition des doublures de la vie humaine, incessamment répétée et fragmentée, mais aussi incessamment collectionnée par ceux qui sont encore héritiers possibles de cette figure à laquelle Benjamim se référerait comme 'le raconteur d'histoires'» (p. 66).

Outro tema, compreensivelmente presente, é o da representação do feminino. A respeito desta temática, o leitor dispõe de argutos textos, como os de Maria Graciete Besse («Du corps excrit: *Tanta Gente, Mariana...*») e Fernando Curopos («Le modele maternel en crise»). Entre

outras consideráveis valias, estes estudos reconhecem na escritora uma acentuada consciência da condição feminina declinada nas suas múltiplas complexidades, sem esquecer os dissabores que essa condição, subalterna em não poucos contextos, fatalmente pressupõe.

O livro não carece ainda de análises consagradas à compreensão dos textos juditianos nas suas diversas modalidades técnico-compositivas. Retenha-se, além do excelente, porque bastante original, contributo de Pedro Serra («Machines de la voix, machines de l'écriture: esthétique de la science et de la technologie dans les chroniques juditiennes»), as não menos desafiantes leituras de Helena Araújo Carreira («La construction du sens textuel: subjectivité énonciative et objectivité événementielle»), Maria João Pais do Amaral, que presta uma merecida atenção à obra pictórica da escritora, sublinhando a congruência da faceta plástica com a prática narrativa («'Les machines à apprivoiser le temps': peinture et écriture»), Jane Pinheiro de Freitas («En tissant le fil des heures»), e ainda (*last but not...*) a leitura de Cristina Almeida Ribeiro («Le conte et le recueil: Maria Judite de Carvalho»), onde fica demonstrada a faculdade de os textos da escritora dialogarem polifonicamente entre si.

Convirá, por fim, também realçar análises dedicadas à conexão da escritora com outros colegas de ofício. É o caso dos estudos de Paula Morão («Maria Judite de Carvalho, héritière d'Irene Lisboa») e Maria Luísa Leal [«Pseudonymes et mondes intérieurs: de João Falcão (Irene Lisboa) à Emília Bravo (Maria Judite de Carvalho)»], que recenseiam os pontos de contacto e as afinidades com Irene Lisboa; como é ainda o caso dos estudos de Ana Filipa Prata («Des corps urbains sans lieux ni bornes: Maria Judite et Annie Ernaux»), que explora o parentesco com

Annie Ernaux (escritora que bem poderia ser o pseudónimo francês de Maria Judite de Carvalho, a avaliar pela força de uma escrita contida na extensão e despojada no estilo), e Carina Infante do Carmo («Le travail de l'ironie dans les chroniques de Maria Judite de Carvalho et de José Gomes Ferreira»), que estabelece o paralelo com este último a partir da ironia presente nas crónicas dos dois escritores.

Talvez o modo mais feliz de terminar esta recensão consista em citar um trecho extraído da introdução, assinada por Maria Graciete Besse, e que constitui uma boa descrição, em poucas linhas, de Maria Judite de Carvalho enquanto escritora: «Maria Judite de Carvalho a entrepris une grande partie de sa création fictionnelle sous le salazarisme, dévoilant dans ses récits un monde sombre et étriqué, à la limite du supportable. Cependant, après la révolution de 1974, elle n'a jamais cessé de raconter une certaine société portugaise et d'examiner, avec lucidité et ironie, l'angoisse qui touche des êtres désenchantés, pour la plupart des femmes appartenant à la petite bourgeoisie urbaine, confrontées à la solitude, à la mélancolie et à la mort» (p. 9). E, imediatamente antes desta passagem, Graciete Besse reportava-se à escritora referindo «un univers littéraire qui n'a rien perdu de son actualité» (*ibid.*). Nestas breves palavras residem quicá as razões suficientes para (re)ler a autora de *Flores ao Telefone*. Uma (re)leitura, sejamos claros, perfeitamente possível fora da moldura deste volume, mas que — não se duvide — ganha fôlego se articulada com ele. Desde logo, porque, para todos os efeitos, *Maria Judite de Carvalho Une écriture en liberté surveillée* alcança seguramente a proporção, como espero ter deixado claro, de um título de referência nos estudos juditianos.

Sérgio Guimarães de Sousa